



## **ECOLOGIA DAS LÍNGUAS**

Peter Mühlhäusler (University of Adelaide, Austrália)

**R e s u m o :** O objetivo deste texto é apresentar algumas questões fundamentais para quem desejar abordar as línguas de uma perspectiva ecológica. O autor não apresenta resposta a essas perguntas, deixando ao leitor a tarefa de procurar por elas.

**P a l a v r a s - c h a v e :** Ecologia linguística. Diversidade linguística. Diversidade biológica. Vitalidade e morte de língua.

**A b s t r a c t :** The objective of this text is to present some fundamental questions to those wishing to approach languages from an ecological perspective. The author does not give any answer to these questions, leaving to the reader the task of looking for them.

**K e y w o r d s :** Ecological linguistics. Language diversity. Biological diversity. Language vitality and death.

Ernst Haeckel, que criou o termo 'ecologia' em 1866, definiu-o do seguinte modo:

Por ecologia queremos dizer o corpo de conhecimento relativo à economia da natureza. A investigação de todas as relações do animal com o meio ambiente inorgânico e o orgânico. Aí estão incluídas, sobretudo, as relações harmoniosas e desarmoniosas com os animais e plantas com os quais ele entra em contato, direta ou indiretamente. Em suma, ecologia é o estudo de todas as complexas inter-relações às quais Darwin se referiu como sendo aquelas condições da luta pela existência.

Desde que esse excerto foi escrito muita coisa mudou. Uma dessas mudanças é a extensão da metáfora ecológica a novos domínios como ecologia da mente ou ecologia da língua. Uma segunda mudança é uma reavaliação da noção de "condições da luta pela existência". Ecologias funcionais caracterizam-se predominantemente por vinculações mutuamente benéficas e só em pequena escala por relações competitivas.

O pensamento ecológico apresenta uma série de características distintivas, tais como:

## ECO-REBEL

- levar em conta não apenas fatores internos ao sistema, mas uma gama maior de fatores ambientais;
- consciência dos perigos do monoculturalismo;
- consciência da limitação dos recursos naturais e humanos;
- visão de longo prazo; e
- consciência dos fatores que mantêm a higidez das ecologias.

Aplicado à linguística isso significa que é necessário repensar o grosso da ideologia corrente. Sobretudo:

A noção de línguas como sistemas simples e delimitados ou a hipótese da independência de Chomsky que isola estrutura devem ser rechaçadas. Para os falantes das línguas indígenas da Austrália, por exemplo, questões de direito à terra não podem ser separados das questões de propriedade e uso de língua.

O foco da linguística ecológica é a diversidade das línguas humanas e suas funções, não princípios gerais de descrição gramatical. Uma nova questão é a da estrutura da natureza da diversidade linguística bem como a função social e biológica dessa diversidade. Pequenas línguas com pouquíssimos falantes em uma ecologia linguística estruturada, em que tanto línguas francas intercomunitárias de porte médio quanto línguas francas regionais maiores possibilitam que todos se comuniquem e mostrem suas identidades. Essas ecologias estruturadas têm sido documentadas para as línguas da América do Norte por Drechsel (1997), que provê um modelo para a coexistência de línguas grandes e pequenas em uma mesma área de comunicação.

O que os linguistas ecológicos querem dizer é que isso é mais aplicável do que uma linguística não ecológica e que a aplicação na área de planejamento, ensino e revitalização linguística pode ser bastante vantajosa. Uma razão para isso é que a abordagem ecológica leva em consideração um número muito maior de parâmetros. Isso pode ser exemplificado com o caso da revitalização da língua kaurna do sul da Austrália, em contraposição a outras tentativas não ecológicas de revitalização.

A preocupação com uso a longo prazo se manifesta em estudos de adaptação da língua a condições ecológicas em mudança, como na obra de Halliday (1992). A adaptação pode ser melhor vista sobretudo nas situações de ilhas desertas como é o caso de Pitcairn e Norfolk Island (MÜHLHÄUSLER, 1996a). Um dos objetivos

do planejamento linguístico deve ser possibilitar que línguas ou ecologias existentes sobrevivam em condições externas em mudança acelerada. Mesmo que todas as línguas possam ser postas a serviço das necessidades comunicativas de seus falantes, isso não se dá de supetão.

A questão central da linguística ecológica é: O que é a viabilidade a longo prazo das línguas em seu meio ambiente? Isso significa que revitalização de línguas como o maori ou o havaiano deve levar em conta uma gama de fatores, além dos de ensino eficiente dessas línguas a um grupo de aprendizes de línguas indígenas.

A abordagem ecológica ao estudo da língua foi avançada pioneiramente por Haugen (1972). Ele focalizou inicialmente as inter-relações entre línguas (que ele considerou como dadas) e seus entornos (arredores sociais, meio ambiente). Teóricos mais recentes da ecolinguística (FILL, 1998) não consideram a língua como dada, e relações que são diferentes modos de falar se tornaram um tema importante.

A teoria ecológica, como desenvolvida em Mühlhäusler (1990, 1996b) e Fill (1993), trata da questão: Qual é o sistema de suporte que mantém uma ecologia ao longo do tempo? Implícita nessa questão está a hipótese de que diversidade estrutural de modos de falar, em vez de monolinguismo, é a situação natural e que qualquer tentativa de se contrapor à diversidade linguística é equivocada.

A abordagem ecológica à língua faz uma série de novas perguntas, como:

Qual é a relação entre diversidade de línguas e diversidade de formas de vida?

As línguas podem sobreviver em condições de degradação ambiental?

Qual é a estrutura/gramática da diversidade linguística? O que faz dela mais do que a soma de suas partes constituintes?

Como podemos verificar o bem-estar de uma ecologia linguística?

A abordagem ecológica à língua tem muitas aplicações, incluindo:

planejamento de comunidades linguisticamente estáveis;

criação de um sistema de apoio ao ensino de L2;

exigir um sistema de apoio a programas de revitalização linguística; e

integração de letramento com outras práticas sociais.

Exemplos de todas essas áreas devem ser apresentados e a literatura pertinente deve ser resenhada. Ênfase especial deve ser dada às implicações da ecolinguística para a política linguística e no planejamento linguístico.

**Referências**

- BREWER, R. *The Science of Ecology*. Philadelphia: Saunders College Publications, 1988.
- DRECHSEL, Emmanuel. *Mobilian Jargon*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- HALLIDAY, M. New ways of meanings. In M. PÜTZ (ed.) *Thirty Years of Linguistic Evolution*. Amsterdam: Benjamins, 1992.
- HAUGEN, E. *The Ecology of Language: Essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- FILL, A. *Ökolinquistik*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.
- \_\_\_\_\_. Ecolinguistics: State of the Art 1998. *Arbeiten aus Anglistik und Amerikanistik* 23 (1), 3-16, 1998.
- MÜHLHÄUSLER, P. Preserving languages or language ecologies: a top-down approach to language survival. *Oceanic Linguistics* 31. 163-180, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Language Ecology: Linguistic Imperialism and Language Change in the Pacific Region*. London: Routledge, 1996a.
- \_\_\_\_\_. Ecological and non-ecological approaches to language planning. In M. HELLINGER & U. AMMON (eds.) *Contrastive Sociolinguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996b.

Traduzido do inglês por Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto

**Texto convidado.**

Ecolinguística: Revista Brasileira de  
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 3, n. 2, 2017.